

A PARTICIPAÇÃO FEMININA NOS ESPORTES DE CONFRONTO: EXPLORANDO O FUTEBOL AMERICANO DE PRAIA E *STREETBALL*

Anlessa Cristina Almeida
Gabriela Neiva

RESUMO

Neste estudo propomos uma reflexão sobre a participação feminina em esportes de confronto tendo como foco o futebol americano de praia e o basquetebol de rua. Explorando o tema a partir da observação participante nas duas modalidades e entrevistas com jogadoras de futebol americano, discutimos a entrada e permanência das garotas, dando destaque à habilidade esportiva como marcador simbólico favorável à participação feminina nos esportes em questão, levando em conta a contestação da identidade social de gênero associada à feminilidade presente nessas práticas.

ABSTRACT

We propose in this study a reflection about female participation in confrontation sports focusing the beach football and basketball street. We explore the theme through the participant observation of both of these sports and interviewing football players, then we discuss the entry and permanency of the girls, highlighting the sportive ability as a favorable marker for the women participation in these sports, considering the contestation about social identity of gender associated with femininity in these activities

RESUMEN

Proponemos en este estudio una reflexión acerca de la participación femenina en los deportes de confrontación, centrándose en fútbol en la playa y baloncesto en la calle. Estudiamos el tema a través de la observación participante de estos dos deportes y a través de entrevistas con las chicas jugadoras de fútbol americano, para hablarnos de la entrada y permanencia de las niñas, destacando la capacidad deportiva como un marcador favorables para la participación femenina en estos deportes, teniendo en cuenta acerca de la impugnación de la identidad social de género asociados con la feminidad en estas actividades.

INTRODUÇÃO

Os esportes de confronto podem ser compreendidos como área de expressão socialmente aceitável da violência física, mais ou menos controlada, de maneira ritualizada, envolvendo a oposição e luta entre duas equipes (DUNNING, 1992). A violência entre indivíduos ou grupos, logo, “é um ingrediente fulcral e legítimo” (p. 394). Dunning afirma que o esporte de confronto moderno é área masculina reservada, produz e reproduz uma identidade marcada por traços considerados como masculinos, e a tradição criada junto com estes esportes demarca um espaço masculino, no qual a força e o vigor estariam entre os determinantes do desempenho ideal nestas práticas comprometendo o acesso das mulheres por estes espaços.

Para Vianna e Mourão (no prelo), os registros que poderiam demonstrar se está havendo crescimento da participação das mulheres nos “esportes coletivos de

confronto” nos espaços de lazer são ainda imprecisos. Mesmo assim, acreditam que tal participação e interesse crescem de forma significativa, se caracterizando paulatinamente como espaço marcado pela sua movimentação no mapa cultural e, “efetivamente, uma demanda latente”.

Hoje podemos afirmar que a mulher circula por diversos espaços com menor resistência, inclusive aqueles de presença predominantemente masculina. O futebol pode ser considerado como um desses espaços. Ainda de maneira tímida, as mulheres vêm se destacando no cenário do futebol, participando de campeonatos mundiais, e ganhando expressão, inclusive, na disputa de melhores do mundo na categoria feminina.

No Brasil, o futebol feminino ainda encontra resistências por parte de homens e mulheres, apesar de ser o país da melhor jogadora do mundo na modalidade atualmente, Marta Vieira da Silva.

No caso do futebol americano feminino a mulher também vem se inserindo e quebrando paradigmas que justificam papéis sociais em função de diferenças biológicas. Estas jogadoras seguem em frente e lutam pelos seus ideais, mesmo sem ajuda ou qualquer incentivo, como foi observado por uma das pesquisadoras, praticante sistemática desta modalidade.

O Futebol Americano¹ é um esporte praticado originalmente nos Estados Unidos desde 1867. Cada time possui 53 jogadores e cada equipe pode colocar 11 jogadores em campo. A partida é dividida em 4 tempos de 15 minutos e as equipes possuem jogadores especialistas só para a defesa e só para o ataque. Ganha a equipe que fizer os maiores números de pontos, seja por *Touchdowns*², ou *Field Goal*³. O campo tem 120 jardas (109,72 metros) de comprimento e 53 1/3 (48,77 metros) de largura.

O jogo demanda velocidade, agilidade, capacidade tática e força dos jogadores, que precisam derrubar o adversário para que o mesmo não avance no território. O esporte é pouco conhecido no Brasil, os jogos são transmitidos apenas em emissoras de TV's por assinatura e na época do ano quando ocorre o campeonato americano.

De acordo com Frontelmo e Ribeiro (2006), o esporte começou em 1986 com 20 praticantes – todos homens – e em 2006 registra-se na Associação de Futebol Americano do Brasil (AFAB) 600 atletas inscritos, sem contar com os profissionais e técnicos que movimentam a AFAB. A modalidade foi organizada na praia já que não possuímos campos e nem condições adequadas para jogá-lo à moda americana, apenas a bola e os protetores bucais. O público feminino tem feito diferença no estado do Rio de Janeiro, visto que já existem times registrados, federações e campeonatos realizados pelo estado.

O Basquete de Rua está associado à cultura urbana nascida nas ruas dos bairros pobres nos Estados Unidos da América (EUA) em decorrência da exclusão social da população americana de baixa renda. Associado ao Hip Hop, começou sendo jogado nas praças, esquinas e em cada rua dos bairros pobres americanos, sempre jogado ao som do “rap”.

O *streetball*, como é chamado o basquete de rua, é uma vertente do movimento Hip Hop, com suas letras de protestos virou a voz dos jovens de áreas menos favorecidas influenciando a cultura urbana americana. Junto com o *streetball*, o grafite e o *break* também são vertentes do movimento musical nascido nos EUA:

¹ Dados obtidos do site <http://pt.wikipedia.org/> acessado em 30 de outubro de 2008.

² Cruzar a linha final demarcada.

³ Pontuação por lançar a bola entre as traves na linha final do campo.

O Hip Hop chegou ao Brasil no início de década de 80 por intermédio das equipes de som, das revistas, dos discos, filmes, vídeo clipes e programas de TV. Para os seus adeptos, o mais importante é o papel social que o movimento desempenha como expressão dos segmentos marginalizados e daqueles que se identificam com sua cultura. (OLIVEIRA FILHO, 2006, n.p.).

Assim como nos EUA, o basquete de rua também passou a ser jogado nas ruas e praças dos bairros brasileiros ao som do Hip Hop, criando assim essa manifestação na cultura urbana brasileira. De acordo com Oliveira Filho (2006), para jogar *streetball* é preciso ter estilo, habilidade, vontade de vencer e garra. Conhecido por promover grandes batalhas na ruas, os jogadores de “*street*”, marcam os famosos rachas, pegas e as famosas peladas nas ruas do bairro, geralmente desafiando os jogadores dos bairros vizinhos.

De acordo com o *site* da Liga Internacional de Basquete de Rua – LIIBRA - numa noite de Hip Hop no Armazém 05, mais precisamente no Cais do Porto, Centro do Rio, um grupo de pessoas se apropriou da cesta de lixo do evento em 2003 e armaram a “bagunça” que teria dado origem ao esporte no Brasil. Ainda de acordo com o *site*, para a CUFA (Central Única das Favelas) não havia alternativa se não organizar e transformar essa brincadeira num dos maiores acontecimentos esportivos e alternativos que se tem notícia, sendo o Hip Hop é o fio condutor da LIIBRA (Liga Internacional de Basquete de Rua), uma vez que foi dentro de um evento de Hip Hop que tudo começou.

O Basquete de rua pode ser considerado como uma extensão do basquete de quadra, porém, suas regras são bem peculiares, inclusive o mesmo pode ser jogado com diversas formações como: 1 x 1, 3 x 3 ou 5 x 5. A altura perde importância e o estilo e a habilidade ganham destaque, assim são desenvolvidas “jogadas de efeito”, “humilhando” o adversário⁴.

Problema...

Percebemos atualmente que, embora possa existir um aumento progressivo de mulheres praticando esportes socialmente considerados como masculinos, traços como habilidade e identidade social de gênero são marcadores simbólicos que podem ser mais ou menos favoráveis à participação das mulheres nestas atividades.

Dependendo do contexto e da modalidade que se pratica saber jogar é um dos principais fatores que irão favorecer a permanência nesses espaços. O fato das praticantes se aproximarem ou não da identidade de gênero feminina através de seus investimentos pode se tornar elemento de distinção entre as equipes e expressam suas representações sobre o esporte praticado. Enquanto no futebol americano, por exemplo, existem equipes com praticantes com mais ou menos características socialmente consideradas como femininas, no basquetebol de rua aquele que não sabe jogar, ou não manifesta “estilo”, independentemente da identidade de gênero, é excluído.

Neste estudo procuramos explorar as relações entre habilidade e participação das garotas nesses esportes coletivos de confronto, delimitando pistas para novas investigações sobre a temática.

Para tal, uma das autoras se empenhou em “estranhar o familiar”, por ser praticante do futebol americano de praia e arbitrar em competições de basquetebol de

⁴ www.libbra.com.br acessado em 30 de março de 2009.

rua, podendo ser caracterizada como “ator social” no contexto da pesquisa. Em seguida dez atletas do futebol americano de praia foram selecionadas aleatoriamente, após a aplicação de 31 questionários, para entrevistas individuais, enriquecendo as possibilidades de análise dos dados.

Como o estudo se encontra em andamento, as reflexões sobre o basquetebol de rua foram baseadas na “participação observante” de uma das autoras, a qual vem acumulando experiência no campo empírico por mais de três anos.

SER OU SE TORNAR JOGADORA NO UNIVERSO DOS ESPORTES DE CONFRONTO

Embora as manifestações esportivas apresentadas tenham em seu bojo marcas de contestação e luta por espaço, seja pelas mulheres, por classes sociais menos favorecidas, ou pelos jovens, alguns aspectos podem viabilizar ou não a participação dos sujeitos nessas atividades. A valorização do rendimento e as representações de gênero parecem constituir marcadores de inclusão e exclusão nessas atividades.

No caso do futebol americano de praia, trinta e uma jogadoras responderam a um questionário de identificação. Essas possuíam entre 16 e 26 anos. Dentre estas, 26 são estudantes, sendo 19 do Ensino Superior. O maior tempo de prática do esporte foi de 5 anos, e o menor de um mês ($n=2$); 21 estão no esporte há mais de um ano, deste total algumas praticam entre 2 e 5 anos ($n=15$). Segundo as autoras, as atletas de futebol americano valorizam os aspectos associados ao rendimento e se ressentem por não terem mais apoio nem patrocínio para a organização do esporte.

Em um teste de associação livre de idéias, as evocações que as jovens manifestaram em relação ao esporte apontam para o esporte espetacularizado, dados os marcadores simbólicos valorizados - rendimento, competições, determinação, força de vontade, e os resultados positivos alcançados com esta postura. Talvez esta seja a questão central para compreender este desejo de construir uma “identidade esportiva” a partir do empenho na participação em uma modalidade cheia de reservas em relação às identidades nacional e de gênero (ALMEIDA; LIMA; NEIVA, 2008).

Stigger e Silveira (2008), em trabalho sobre um time de futsal feminino, refletem sobre o esporte como área para manifestação do gosto por esta atividade e a sociabilidade entre garotas. O “associativismo” na equipe se mantém por dois eixos, são eles o gostar de jogar e a quantidade de mulheres homossexuais. Os autores ressaltam que os significados atribuídos ao futsal pelas praticantes “não podem ser explicados pela definição de “esporte de lazer” ou “esporte de rendimento”, binarismo presente no campo de estudo da Educação Física” (p. 5), sendo necessário “operar com os conceitos que fazem parte tanto do esporte de lazer quanto do de rendimento” (*ibidem*).

Sobre o segundo eixo, que diz respeito à homossexualidade, rotular esportes socialmente considerados como masculinos pode prejudica-los, “pois acentua a exclusão de mulheres que gostam de futebol e futsal, mas não são homossexuais; e dificulta a obtenção de patrocínios para as equipes femininas” (p. 6). No time investigado pelos autores há inúmeros tipos de feminilidade, todos são respeitados, “mas nenhuma jogadora adota uma feminilidade muito próxima das características que foram social e historicamente construídas como masculinas” (p. 7).

Vianna e Mourão (no prelo), através de levantamento em um espaço multiesportivo de lazer, observaram que as mulheres estão em todas as modalidades oferecidas pelo espaço, predominando em atividades relacionadas à estética e bem estar corporal. Supõem um deslocamento acentuado de meninas de outras modalidades ou novatas para as modalidades de handebol e futebol a partir da adolescência. Mesmo

assim, mostram que entre as praticantes entrevistadas existia a percepção de estigma associado à identidade de gênero relacionada à feminilidade: “em decorrência desse posicionamento fixado na sociedade, optar por atividades de outro padrão ainda hoje gera o estigma de estarem desencaixadas do seu papel instituído de direito e dever social” (VIANNA, MOURÃO, 2007, n.p.).

Nesta perspectiva, cabe assinalar que, aparentemente diferente de outros esportes coletivos de confronto, no futebol americano feminino a habilidade é suprimida pelas qualidades físicas de resistência e capacidade de organização tática. Neste esporte, os movimentos e fundamentos são mais “rudimentares”, basicamente, as jogadas envolvem corrida, agarrar e lançar a bola. É um esporte que, visivelmente, exige pouca destreza dos praticantes. Grosso modo, parece que estar atento às jogadas e correr o mais rápido possível garantem o mínimo de êxito em jogo.

Por esta razão, acreditamos que a modalidade seja atraente para muitas garotas que não experimentaram participar de competições e atividades esportivas organizadas. As entrevistadas afirmaram que nunca tiveram habilidades específicas para praticar outra modalidade esportiva, que sempre foram desajeitadas e que, no Futebol Americano, se sentiram à vontade por não precisar de certas habilidades: “(...) *uma coisa que eu consegui aprender que é diferente do futebol Inglês que eu acho q ce tem que ter habilidade já, eu consegui, aprender mesmo depois de velha (...)*” (A3).

O esporte envolve condutas motoras básicas, características como: correr, andar, abraçar e cair. Nenhum desses movimentos precisam ser desenvolvidos, visto que são compreendidos por Staes e De Meur (1991) como habilidades naturais.

A partir daí, refletimos sobre o basquetebol de rua ou *streetball*. Embora possamos considerar tanto o futebol americano feminino quanto o basquete de rua como manifestações de “(sub)culturas” (WELLER, 2005) juvenis femininas, estes se manifestam em direções opostas. Enquanto o futebol americano ganha adeptas por ser “democrático” e oportunizar a participação das garotas de menor habilidade, no basquete, a técnica e o estilo são marcadores simbólicos para a circulação delas. Saber arremessar e executar passes com precisão, além do drible “constrangedor” às adversárias garantem a aceitação da jogadora [e por que não dizer do jogador?]. Isso significa que aqueles que não praticam o esporte desde a tenra idade, ou que não tiveram tempo de desenvolver as habilidades, possivelmente não terão espaço neste esporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos a impressão de que, apesar da ação empreendida pelos grupos de mulheres que jogam futebol americano de praia e basquete de rua em se incluírem em modalidades socialmente consideradas como masculinas, é interessante dar relevo à questão da habilidade como categoria de inclusão nos esportes considerados como “área masculina reservada” (DUNNING, 1992).

A escola parece ser espaço potencial para oportunizar a participação de meninas em esportes de confronto, favorecendo o desenvolvimento do gosto e do gesto esportivo. Vianna, Moura e Mourão (2007) analisaram teses e dissertações com foco no gênero como fator de inclusão e exclusão de meninas na educação física escolar. De acordo com os autores, a categoria gênero não é suficiente para explicar a inclusão e exclusão de meninas em aulas de educação física. Já a categoria da habilidade elucida estas questões, e para os autores, além da diversidade nos conteúdos, deve-se ensinar as modalidades consideradas como masculinas às meninas, a fim de tornar igualitária a sua participação nos referidos esportes.

Weller (2005), observa invisibilidade feminina nos estudos sobre a cultura dos movimentos jovens, com destaque ao Hip Hop. A partir de suas reflexões, entendemos que tanto o Hip Hop quanto o esporte são espaços de manifestação cultural, através dos quais os jovens podem se organizar enquanto sujeitos do discurso. Porém, a participação feminina ainda é tímida. Logo, acreditamos que se estas participações forem igualmente oportunizadas entre meninos e meninas desde cedo, torna-se possível contestar as tradições dos papéis sociais vigentes, diminuindo a assimetria nas participações esportivas e a valorização de fatores como identidade social de gênero e habilidade enquanto “capital simbólico”, sendo aos poucos eliminados dessas práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Anlessa; LIMA, Roberta; NEIVA, Gabriela. Representações Sociais de Esporte de jogadoras de Futebol Americano de Praia: um estudo exploratório. In: XIII Congresso de Ciências do Esporte dos Países de Língua Portuguesa. Porto Alegre, 2008.

BORGES, C. N. F. Et al. Resiliência: uma possibilidade de adesão e permanência na prática do futebol feminino. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 12, n. 01, p. 105-131, janeiro/abril de 2006.

DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e suas transformações. In: ELIAS, N. A busca da excitação. Lisboa: Difel, Memória e Sociedade, 1992, p.389-412.

FRONTELMO, P. A. C. S.; RIBEIRO, C. H. V. Futebol americano no Brasil: estratégias e limitações no país do futebol. Revista Digital - Buenos Aires - Año 11 - N. 102 - Noviembre de 2006. Disponível em www.efdeportes.com, acesso em 10/04/2008.

OLIVEIRA FILHO, A. História do Streetball. Rio de Janeiro, Dezembro – 2006. Disponível em: http://www.lub.org.br/pages/streetball/historia_do_streetball/images/Historia_Streetball_dez_15-Revisao_1.pdf Acesso em: 04/2009, 21h40min.

SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. Esporte e Homossexualidade no Futsal Feminino: um estudo etnográfico. In: 1º Encontro ALESDE – Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte. Curitiba, 2008.

VIANNA, Alexandre Jackson C.; MOURA, Diego L.; MOURÃO, Ludmila. Gênero e Educação Física Escolar: uma análise das evidências empíricas sobre a discriminação e o sexismo. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Recife, 2007.

VIANNA, Alexandre Jackson C.; MOURÃO, Ludmila. Futebol: a última fronteira – a prática esportiva nos projetos socioeducacionais como espaço de diversidade do gênero feminino. (no prelo).

_____. O esporte coletivo de confronto como área de transgressão da identidade feminina. In: Fiep Bulletin. Foz do Iguaçu, 2007.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005.

Gabriela Neiva

Avenida Venceslau Brás, nº 14/305, Botafogo, Rio de Janeiro – RJ. CEP: 22290-140.

(21) 2543 7264 / (21) 8118 6109

gabineiva@globo.com